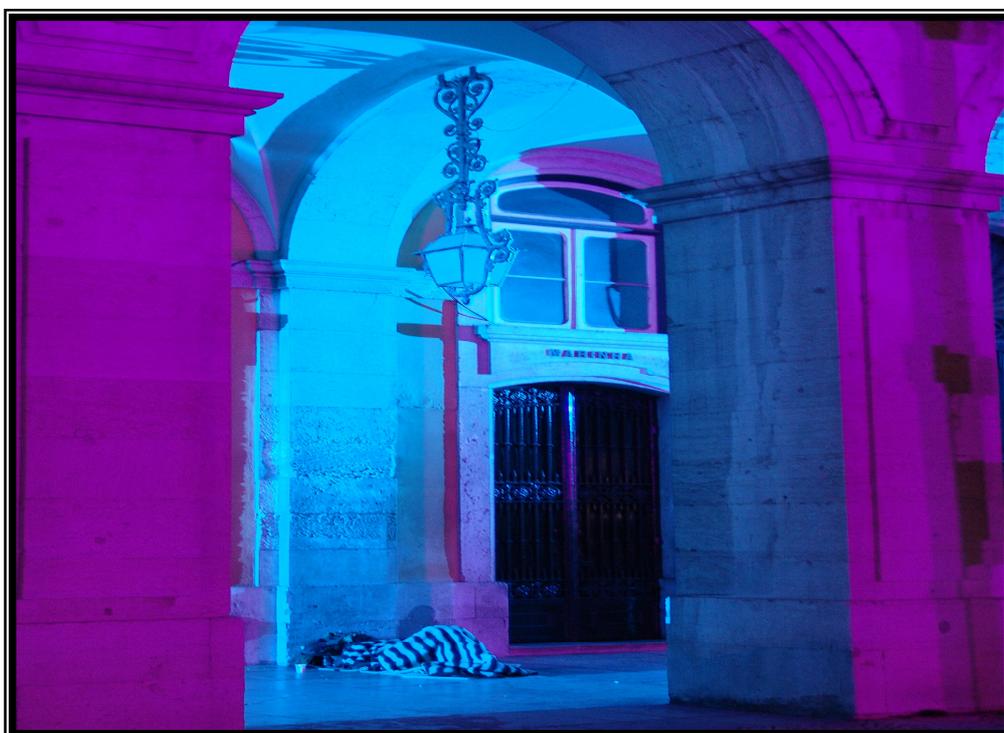


**Grupo de Trabalho – Motivação e Encaminhamento**  
**(Equipas de Rua que Intervêm com a População Sem-Abrigo na Cidade de Lisboa)**

# **Relatório Anual De Monitorização (síntese)**



**2007**



## **Índice**

Índice.....	pág. 2
Índice de Gráficos.....	pág. 3
Índice Quadros.....	pág. 4
Apresentação .....	pág. 5
1. Sobre o Conceito de Pessoa Sem Abrigo .....	pág. 9
2. Metodologia .....	pág. 11
3. Análise dos Dados.....	pág. 13
3.1. A Intervenção das Equipas.....	pág. 14
3.2. A Dispersão na Cidade.....	pág. 17
3.3. Caracterização Social .....	pág. 23
3.3.1. Sexo.....	pág. 23
3.3.2. Idade.....	pág. 24
3.3.3. Estado Civil.....	pág. 25
3.3.4. Nacionalidade.....	pág. 26
3.4. Caracterização da Situação como Sem-Abrigo .....	pág. 29
3.4.1. Situação como Sem Abrigo.....	pág. 29
4. Notas Finais .....	pág. 32
6. Recomendações.....	pág. 34
Bibliografia .....	pág. 35

## **Anexos**

Anexo 1 – Tipologia Europeia de Exclusão Relacionada com o Alojamento - ETHOS

Anexo 2 – Ficha de Levantamento do Utente

Anexo 3 – Ficha de Monitorização

## Índice de Gráficos

<b>Gráfico 1</b> – Evolução do número de ‘pessoas identificadas’ pelas equipas de rua/ atendimento social.....	pág. 14
<b>Gráfico 2</b> – Evolução do número de ‘pessoas já identificadas’ e ‘novos contactos’ realizados pelas equipas de rua/ atendimento social .....	pág. 15
<b>Gráfico 3</b> – Evolução do número de ‘contactos realizados’.....	pág. 16
<b>Gráfico 4</b> – Número de contactos em espaço de rua e em atendimento social.....	pág. 17
<b>Gráfico 5</b> – Número de contactos realizados por Freguesia.....	pág. 19
<b>Gráfico 6</b> – Contactos realizados por Local no 2º semestre.....	pág. 20
<b>Gráfico 7</b> – Distribuição por Sexo (%).....	pág. 24
<b>Gráfico 8</b> – Distribuição por Faixa Etária (%).....	pág. 25
<b>Gráfico 9</b> – Distribuição por Estado Civil (%).....	pág.26
<b>Gráfico 10</b> – Distribuição dos Contactos entre Portugueses e Estrangeiros (%).....	pág. 27
<b>Gráfico 11</b> – Distribuição dos sem-abrigo estrangeiros por Grupos de Nacionalidades (%).....	pág. 28
<b>Gráfico 12</b> – Nacionalidades mais representadas.....	pág. 28
<b>Gráfico 13</b> – Evolução dos tipos de situação como sem-abrigo no momento do contacto com maior representação ao longo de 2007 (%).....	pág. 31

## **Índice de Quadros e Diagramas**

<b>Quadro 1</b> – Síntese da evolução do número de ‘pessoas identificadas’ ao longo do ano de 2007.....	pág. 15
<b>Quadro 2</b> – Freguesias sem contactos ou com poucos contactos registados...	pág. 18
<b>Quadro 3</b> – Locais com poucos contactos registados.....	pág. 20
<b>Quadro 4</b> – Tipologia Adoptada da Situação como Sem Abrigo.....	pág. 29
<b>Quadro 5</b> – Tipos de Situação como Sem Abrigo com maior representação....	pág. 30
<b>Quadro 6</b> – Tipos de Situação como Sem-Abrigo com menor representação...	pág. 31

## Apresentação

Ao longo dos últimos anos têm sido inúmeros os estudos que abordam o problema das pessoas sem abrigo em Portugal, não só na cidade de Lisboa, mas também a nível nacional. A constatação de uma maior concentração de pessoas sem abrigo nos centros urbanos de Lisboa e Porto é consensual. No entanto, parece não haver consenso no que se refere ao número de pessoas a dormir nas ruas de Lisboa e às características desta população, variando em função do conceito utilizado, dos objectivos do estudo e das metodologias assumidas.

Diversas instituições têm vindo a trabalhar com as pessoas sem abrigo da cidade de Lisboa, algumas com protocolos de colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa – CML. É neste contexto que surge o Grupo de Trabalho Motivação e Encaminhamento, cuja estratégia consiste em:

- Contactar as pessoas que se encontram em situação de sem abrigo;
- Promover relações de proximidade e confiança;
- Motivar as pessoas contactadas para projectos de vida alternativos e o encaminhamento para as respostas adequadas.

Para além das equipas de rua que intervêm na cidade de Lisboa e que fazem parte do Grupo de Trabalho, participam, ainda, técnicos de instituições que fazem atendimento social a pessoas sem-abrigo. Nesse sentido optou-se por alargar a monitorização a *estruturas de fronteira*<sup>1</sup> com protocolo de colaboração com a CML que realizam atendimento social, uma vez que a natureza do seu trabalho é equivalente ao das equipas de rua.

Assim, participam neste grupo de trabalho:

<b>Instituição/ Associação</b>	<b>Denominação da Equipa de Rua/ Atendimento Social</b>
Associação Futuro Autónomo	Motiva
Associação Novos Rostos Novos Desafios	Cidade Segura
Associação VITAE	ETIR
Câmara Municipal de Lisboa	Equipa de Rua de Apoio aos Sem Abrigo

<sup>1</sup> As estruturas de fronteira constituem respostas de acompanhamento psicossocial (à semelhança do que fazem as equipas de rua) mas funcionam num “setting” fora do espaço rua.

<b>Instituição/ Associação</b>	<b>Denominação da Equipa de Rua/ Atendimento Social (cont.)</b>
Centro Padre Alves Correia	Gabinete de Atendimento Social
Comunidade Vida e Paz	Equipa de Intervenção Directa
Fundação AMI	Equipa de Rua
Legião da Boa Vontade	Ronda da Caridade
Médicos do Mundo	Noite Saudável
Movimento ao Serviço da Vida	Projecto Sentidos
Santa Casa da Misericórdia de Lisboa	Equipa de Rua
Serviço Jesuíta aos Refugiados	PAIRSA, Gabinete de Atendimento Social

O Plano Monitorização e Avaliação 2007 do trabalho desenvolvido pelas Equipas de Rua a trabalhar com a população sem-abrigo no Município, uma iniciativa do Grupo de Trabalho Motivação e Encaminhamento, iniciou-se em Janeiro de 2007 em articulação com a Equipa de Monitorização e Avaliação – EMA, da Divisão de Intervenção Social e Animação Sócio - Cultural – DISASC.

O principal objectivo deste plano é obter um conhecimento alargado sobre a população sem abrigo da cidade de Lisboa, não só no que se refere ao número, mas também relativamente à caracterização social desta população e às problemáticas que apresenta. Por outro lado, pretende-se que os resultados da monitorização possam permitir uma reflexão em grupo, de forma contínua e sistemática, sobre os moldes da intervenção e a sua adaptação às necessidades sentidas no terreno. Para além disso, espera-se uma articulação mais dinâmica entre as equipas promovendo assim, a maximização dos recursos e a articulação de respostas mais rápida e adequada às necessidades das pessoas sem-abrigo.

O relatório, que agora se apresenta, resulta pois deste Plano de Monitorização e deverá constituir um pretexto de reflexão e discussão não só para todos os que nele participaram durante o ano de 2007, mas para todos os que estejam de algum modo implicados no debate sobre as condições das pessoas sem abrigo. Espera-se que venha a constituir um instrumento de trabalho para as etapas seguintes permitindo avançar e corrigir imperfeições.

Estruturou-se a apresentação do relatório em 5 capítulos, tendo a preocupação de fazer num primeiro capítulo uma breve contextualização do conceito de pessoa sem abrigo que se encontra implícito à recolha da informação em análise.

Um segundo capítulo percorre as questões metodológicas procurando explicitar as opções e constrangimentos deste processo mas também os instrumentos nele utilizados.

O terceiro capítulo, o mais significativo deste relatório, organiza-se em subcapítulos e concentra a análise dos dados percorrendo, num primeiro momento, a Intervenção das Equipas. Desta intervenção decorre o conhecimento do universo de pessoas sem abrigo identificadas na cidade de Lisboa durante o ano de 2007 que se pensa constituir uma base significativa para equacionar a necessidade de intervenção. Ainda sobre o trabalho das equipas podemos conhecer como se dividem em termos de contacto na rua e em atendimento social.

Num segundo momento, a análise recai sobre a Dispersão na Cidade de pessoas sem abrigo, seja relativa a pernoita e/ou permanência diária, procurando perceber a heterogeneidade e as recorrências desta espacialização. Foram tratados dados segundo a unidade administrativa, Freguesia, mas também dados com uma escala mais próxima, o que se designou Local, e que corresponde a uma unidade espacial nem sempre com limites geográficos evidentes mas que representa uma tentativa de fazer uma leitura mais precisa.

Cumprindo um dos objectivos enunciados desde o início do plano, a análise dos dados centra-se de seguida sobre a Caracterização Social e são aqui analisados os indicadores sócio demográficos. Permite traçar algumas características da pessoa sem abrigo, que possibilitará aos interessados uma análise comparativa com dados de estudos anteriores, realizados na cidade de Lisboa.

O penúltimo subcapítulo, desta parte nuclear, vai incidir numa Caracterização da Situação de Sem Abrigo a qual pretende fazer um diagnóstico sobre as condições em que as pessoas sem abrigo se encontram, definindo um conjunto de possibilidades de acordo com a tipologia adoptada, tendo como referência a tipologia da FEANTSA – Federação Europeia das Associações Nacionais que Trabalham com Pessoas Sem Abrigo.

Por fim, os capítulos dedicados às Notas Finais e às Recomendações, constituem um momento de síntese que, de algum modo, congrega as etapas anteriores da intervenção e a capacidade, ou não, das equipas técnicas confirmarem a estratégia inicial proposta no grupo de trabalho.

## 1. Sobre o conceito de pessoa sem abrigo

A investigadora Isabel Baptista, também correspondente nacional do Observatório Europeu sobre os Sem Abrigo, considera que no contexto nacional o enfoque tem sido feito num conceito restrito que limita a perspectiva mais compreensiva do fenómeno, e que o facto de conceptualmente a realidade de sem abrigo ser, em Portugal, tradicionalmente associada a categoria de sem tecto, “*rooflessness*”, tem tido reflexos importantes quer ao nível da investigação, quer no delinear de estratégias e políticas (Baptista, 2005).

Na tentativa de ultrapassar este constrangimento, o conceito de sem abrigo, utilizado no contexto deste grupo de trabalho, abre a perspectiva para um conceito mais alargado, considerando as pessoas sem tecto, sem casa, em habitação insegura ou habitação inadequada, contactados na rua pelas equipas ou que se dirigem ao atendimento social, o que inclui uma grande diversidade de situações.

A *Tipologia Europeia da Exclusão Relacionada com o Alojamento – ETHOS* desenvolvida pela Federação Europeia de Associações Nacionais que Trabalham com os Sem-Abrigo – FEANTSA define 13 categorias operacionais para o conceito de pessoa sem-abrigo (Anexo 1).

Esta tipologia parte do princípio que o conceito de alojamento (*home* em inglês) é composto por três domínios cuja ausência pode constituir uma forma de exclusão:

- Domínio Físico – ter uma habitação adequada que uma pessoa e a sua família possam usufruir exclusivamente;
- Domínio Social – ter um lugar de vida privado para manter relações sociais;
- Domínio Legal – ter um título legal de ocupação.

Deste conceito de alojamento derivam quatro formas de exclusão a ele associadas que enquadram a ausência de alojamento de um ponto de vista alargado:

- Ser/estar sem-abrigo;
- Estar sem alojamento;
- Estar em alojamento precário;
- Estar em alojamento inadequado;

No sentido de adaptar as categorias propostas à realidade da cidade de Lisboa, a tipologia ETHOS foi discutida entre as equipas tendo-se chegado às seguintes categorias operacionais, segundo o local de pernoita e /ou permanência diária:

- Rua/ Espaço público
- Centro de Acolhimento Temporário (tempo de permanência definido)
- Centro de Acolhimento Temporário (permanência longa)
- Centros de Acolhimento p/ Imigrantes e Refugiados/Requerentes de Asilo
- Alojamento Comunitário Apoiado p/ População Sem-Abrigo
- Alojamento Assistido Específico p/ População Sem-Abrigo
- Alojamento Precário
- Alojamento para Mães/Pais Adolescentes
- Alojamento Apoiado p/ Mulheres Vítimas de Violência Doméstica
- Casas Abrigo p/ Mulheres Vítimas de Violência Doméstica
- A Viver Temporariamente com Família/Amigos (não por opção)
- A Viver em Domicílio s/ arrendamento Legal
- Com Ordem Legal de despejo
- Com Direito de Resolução (propriedade)
- A Viver sob Ameaça de Violência por Parte de Companheiro/Família (incidentes registados na PSP)
- Carros/Casa Móvel/Caravana
- Ocupação Ilegal de Terrenos
- Ocupação Ilegal de Prédios
- Instituições Penais
- Outros

Estas categorias são as contempladas no âmbito da “Situação como Sem-Abrigo” que será analisada posteriormente neste relatório (sub capítulo 3.4)

Ao longo deste relatório será adoptada em circunstâncias específicas a noção de *população* sempre que se esteja a fazer referência a indicadores sócio demográficos. Não deixa, contudo, de ser pertinente chamar a atenção para o facto de “A utilização da noção de *população* aplicada aos sem-abrigo, e de um modo geral às pessoas afectadas por problemas de exclusão social, ser problemática uma vez que, e sem prejuízo da existência de características comuns, ser particularmente pertinente a consideração das trajectórias individuais com processos biográficos específicos.” (Branco, Francisco, 2004).

## 2. Metodologia

Num primeiro momento procedeu-se ao levantamento das pessoas contactadas durante o mês de Janeiro pelas equipas de rua e em atendimento social, através da aplicação da *Ficha de Levantamento de Utente* (Anexo 2), como ponto de partida para a construção de um *Registo Geral de Utentes*.

No sentido de assegurar a confidencialidade da informação, relativa às pessoas contactadas, foi criado um sistema de codificação a partir do seu nome e apelido. Assim, as pessoas são identificadas a partir das duas primeiras consoantes do nome próprio e das três primeiras consoantes do apelido. É também através do código e da data de nascimento que são despistados os casos já identificados no Registo Geral de Utentes, ou contactados por mais do que uma equipa (contactos duplicados), para evitar a duplicação de registos.

Exemplo:

UT	Código	DN
100	NS_SRS	07-Jun-79

A partir de Fevereiro, a informação dos contactos começou a ser recolhida através de uma *Ficha de Monitorização* (Anexo 3) e posteriormente reunida no *Registo Geral de Utentes* mensal, a partir do qual se faz o tratamento e análise da informação recolhida.

A *Ficha de Levantamento de Utente* e a *Ficha de Monitorização* integram o mesmo tipo de informação. A distinção é feita para clarificar momentos distintos do processo de recolha de informação e da construção do *Registo Geral de Utentes*.

Os *Relatórios Mensais de Monitorização* são apresentados às equipas e discutidos nas reuniões mensais do grupo. Assim, a informação apresentada pretende reunir elementos da intervenção levada a cabo pelas equipas de rua durante o período a que se referem. Nesse sentido são apresentados a Evolução dos Contactos, os Contactos por Equipa, os Contactos por Freguesia e por Local de Contacto, os Apoios Institucionais Activos e os Encaminhamentos. É também apresentada a listagem das ‘pessoas contactadas por mais de uma equipa’, que serve como ponto de partida para a discussão dos casos entre os técnicos envolvidos no seu acompanhamento, discussão e proposta das respostas disponíveis.

Quer a *Ficha de Monitorização*, quer o *Registo Geral de Utentes* têm vindo a sofrer ajustamentos de forma a melhorar a qualidade de recolha de dados. Também a *Folha de Códigos* foi sendo alvo de alterações ao longo.

Assim, foram introduzidos novos indicadores e acrescentadas as suas categorias operacionais, realizando-se um esforço de adaptação à necessidade de clarificar, sistematizar e proceder ao tratamento da informação recolhida de acordo com a sensibilidade dos técnicos que intervêm na rua e estão em contacto com pessoas sem abrigo.

A partir do 2.º Semestre de 2007 foram introduzidas nas Fichas de Monitorização indicadores referentes às *Problemáticas Identificadas e Dificuldades Sentidas na Intervenção*. O *Local de Contacto* também foi introduzido como indicador a partir do segundo semestre.

### **3. Análise dos Dados**

A análise da informação recolhida ao longo do ano de 2007, que a seguir se apresenta, está organizada em subcapítulos, como já vimos, e deverá retratar diferentes momentos da intervenção das equipas. Far-se-á a análise da intervenção das equipas, propriamente dita, identificando, o número de pessoas identificadas e a evolução dos contactos ao longo do ano.

Realiza-se também a distribuição espacial dos contactos pela cidade e a identificação dos processos de encaminhamento iniciados.

A análise dos dados pretende ainda a caracterização social das pessoas contactadas pelas equipas de rua e em atendimento social, sendo analisados os indicadores sócio demográficos. Necessariamente pertinente é o conhecimento da sua situação como sem abrigo.

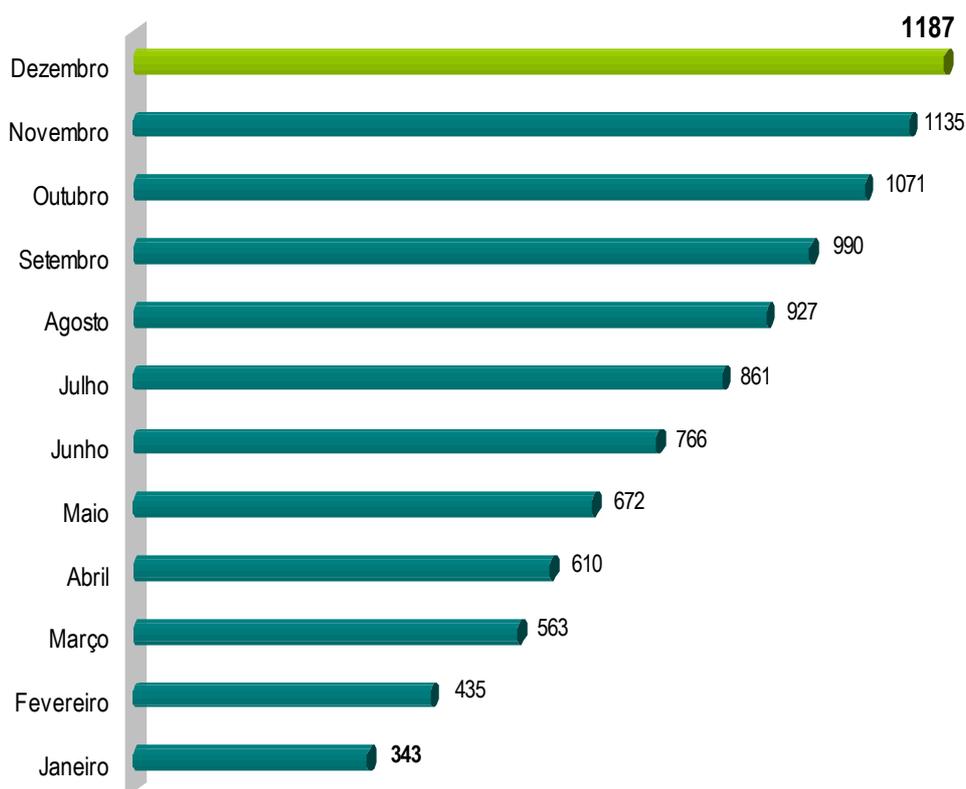
### 3.1. Intervenção das Equipas

Ao longo do mês de Janeiro foram contactadas pelas equipas de rua 365 pessoas sem abrigo. Destas, concluiu-se que 22 não se enquadravam nas categorias operacionais definidas previamente no âmbito do grupo de trabalho. Desta forma, o processo de monitorização iniciou-se com 343 'pessoas identificadas'. Todos os contactos (válidos, neste contexto) foram considerados 'novos contactos' na medida em que com eles se iniciou o *Registo Geral de Utentes*.

Em termos globais, ao longo de 2007, foram identificadas no *Registo Geral de Utentes* 1187 pessoas sem abrigo num total de 3023 contactos registados.

Número Contactos em 2007	3023
Número de Pessoas Contactadas em 2007	1187

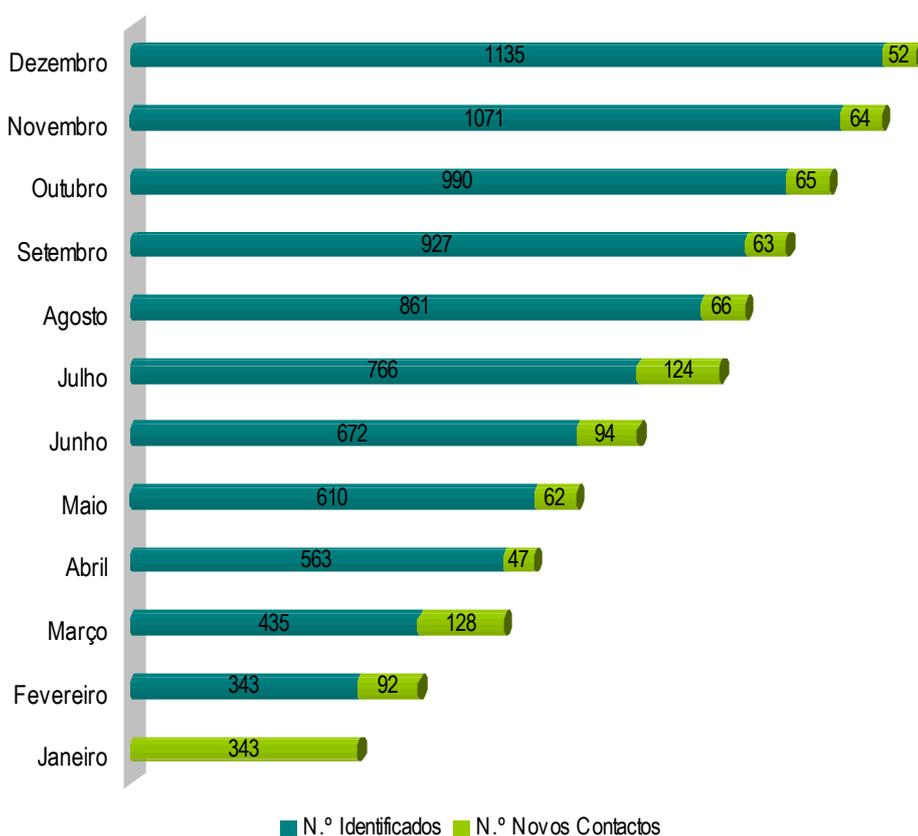
**Gráfico 1 – Evolução do número de 'pessoas identificadas' pelas equipas de rua/ atendimento social**



O número de pessoas sem abrigo identificadas apresenta um crescimento, desde Janeiro, de forma regular (Gráfico 1). Mais elevado nos primeiros meses, verifica-se

uma tendência para estabilizar a partir de Agosto. Entre Agosto e Novembro o número de ‘novos contactos’ mantém-se entre os 63 e os 66, verificando-se uma ligeira descida em Dezembro (52).

**Gráfico 2 – Evolução do número de ‘pessoas identificadas anteriormente’ e ‘novos contactos’ realizados pelas equipas de rua/ atendimento social**



**Quadro 1 – Síntese da evolução do número de ‘pessoas identificadas’**

Mês	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maiο	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
Pessoas Identificadas anteriormente	0	343	435	563	610	672	766	861	927	990	1071	1135
Novos contactos	<b>343</b>	92	<b>128</b>	47	62	94	<b>124</b>	66	63	65	64	52
Total de pessoas Identificadas	<b>343</b>	435	563	610	672	766	861	927	990	1071	1135	<b>1187</b>

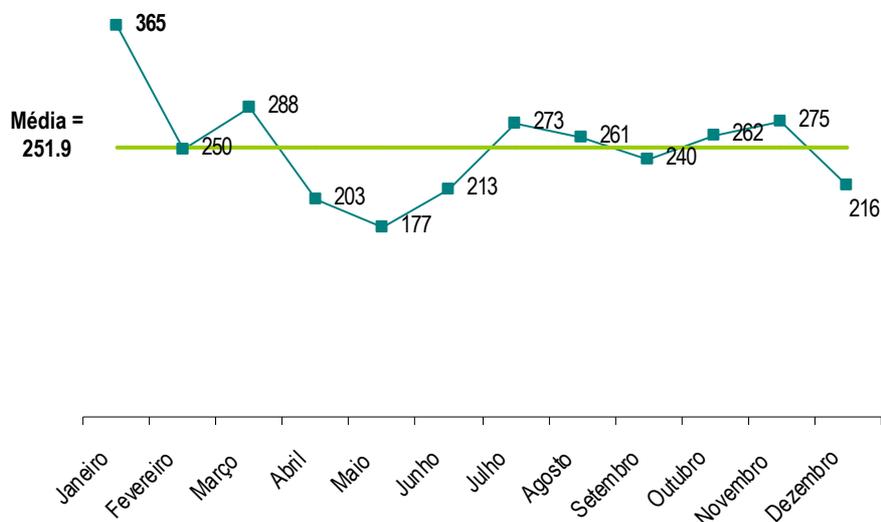
À excepção do mês de Janeiro, em que o número de ‘novos contactos’ surge inflacionado (Gráfico 2) por questões que têm a ver com a implementação do processo de monitorização, já explicadas, poderia esperar-se que este indicador fosse estabilizando e o seu número diminuindo à medida que o *Registo Geral de Utentes* fosse ficando mais completo. Verifica-se, contudo, que de Fevereiro a Julho o número de ‘novos contactos’ apresenta oscilações significativas, com valores entre os 47 em Abril e os 128 em Março, estabilizando a partir de Agosto. Na avaliação anual verifica-

se que, apesar de estabilizar, o número de ‘novos contactos’ não decresce como se poderia esperar.

Esta verificação pode estar relacionada com diferentes factores que interagem entre si e que não estamos em condições de justificar. Avança-se como causas prováveis o facto de as pessoas sem abrigo, de acordo com as suas circunstâncias específicas, apresentarem uma razoável mobilidade na geografia da cidade, bem como o facto de a intervenção das equipas não incidir sempre sobre os mesmos locais. Não será de descurar, ainda, uma reflexão sobre a crescente flutuabilidade das situações de sem abrigo que decorre da vulnerabilidade a condições de risco a que alguns sectores da população estão sujeitos. Não tendo um carácter permanente, a situação das pessoas que em determinado momento estão sem abrigo poderá, então justificar uma parcela dos novos contactos realizados.

Foi em Janeiro que se verificou o maior número de contactos (365), com uma distribuição irregular ao longo do ano (Gráfico 3).

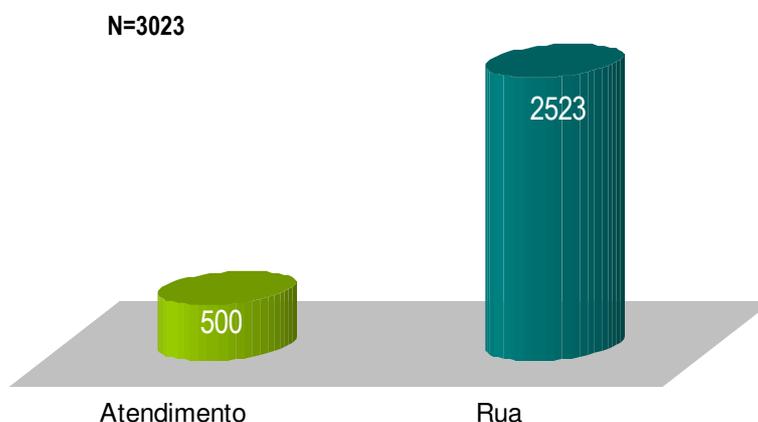
**Gráfico 3 – Evolução do número de ‘contactos realizados’**



No que se refere aos contactos realizados pelas equipas técnicas que constituem o grupo de trabalho, verifica-se que 500 foram realizados no âmbito do atendimento social e 2523 pelas equipas de rua (Gráfico 4). Este dado indicia a vocação dominante das equipas de rua, mas também dificuldades de acesso a locais de atendimento social, considerando que a quase totalidade das pessoas sem abrigo não possuem nem meios nem títulos de transporte.

Atendimentos 16,5%  
Contactos na rua 83,5%

**Gráfico 4 – Número de contactos em espaço de rua e em atendimento social**



### 3.2. A Dispersão na Cidade

O interesse em retratar a localização dos contactos resulta de uma tentativa de compreender a distribuição espacial dos locais de pernoita e de permanência das pessoas sem abrigo, ao longo do dia, na cidade de Lisboa. Para o universo das respostas válidas, foram consideradas todas as que se referem à freguesia e/ ou local de contacto, independentemente do contacto ter sido feito na rua ou em atendimento social. Ainda que a proporção de contactos em atendimento social (16,5%) seja substancialmente menor, relativamente aos realizados na rua (83,5%), este facto poderá ter algum impacto nos resultados.

Num primeiro momento optou-se por adoptar a *Freguesia* como referência para a distribuição territorial pela cidade de Lisboa, já que se trata de uma unidade territorial frequentemente utilizada, facilitando assim o cruzamento de informação ou abordagens comparativas com outros estudos e análises sobre a matéria.

Num segundo momento, coincidindo com o 2º semestre, o grupo definiu uma leitura mais fina desta espacialização procurando identificar não só as unidades administrativas (freguesias), mas os locais específicos, independentemente da sua heterogeneidade, praça, rua, avenida, jardim, que frequentemente correspondem ao território de mais do que uma freguesia.

Tendo em conta os diferentes horários e metodologias de intervenção das equipas, e o funcionamento dos gabinetes de atendimento social, os locais de contacto não se referem apenas aos locais de pernoita mas também aos locais de permanência e de atendimento. Para além disso, pela sua especificidade de intervenção, algumas equipas têm locais pré-definidos de contacto com as pessoas sem abrigo. Assim, é importante notar que alguns dos locais aqui indicados apresentam valores inflacionados devido à presença das carrinhas das equipas de rua, não representando apenas as pessoas que aí pernoitam ou permanecem, mas também aqueles que aí se dirigem à procura de apoio específico dado pelas equipas de rua, nomeadamente refeições, vestuário ou cuidados de saúde.

Dos 3023 contactos registados existe informação, relativamente à freguesia de contacto, em 2842 registos, verificando-se 181 “não respostas”. De acordo com os dados disponíveis são identificadas apenas duas freguesias onde não ocorreu nenhum contacto durante o ano 2007 (Quadro 2) e um conjunto significativo de 30 freguesias onde ocorre um número baixo de contactos, representando cada uma menos de 1% do total de contactos, inferior em termos absolutos a menos de trinta contactos ao longo do ano.

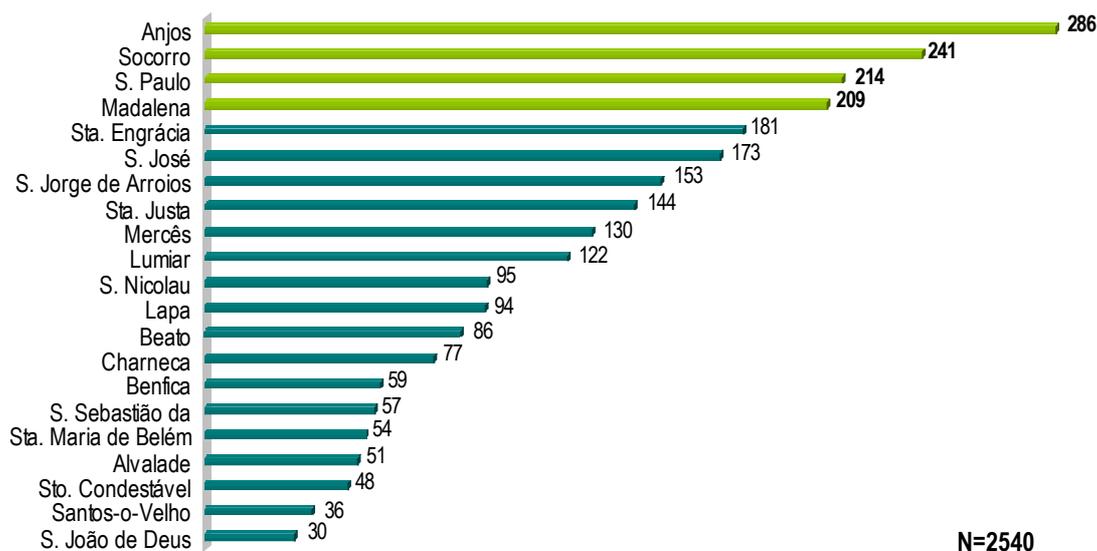
**Quadro 2 – Freguesias sem contactos ou com poucos contactos registados**

<b>Freguesias sem contactos</b>		
Carnide; São Cristóvão e São Lourenço		
<b>Freguesias com poucos contactos (até 1,0% inclusive dos contactos realizados)</b>		
Ajuda	Mártires	Sta. Isabel
Alcântara	Marvila	Sta. Maria dos Olivais
Alto do Pina	Nossa Senhora de Fátima	Sto. Estêvão
Ameixoeira	Pena	S. Domingos de Benfica
Campo Grande	Penha de França	S. Francisco Xavier
Campolide	Prazeres	S. João
Castelo	Sacramento	S. João de Brito
Coração de Jesus	Santiago	S. Mamede
Encarnação	Sé	S. Miguel
Graça	Sta. Catarina	S. Vicente de Fora

Assinalam-se, no Gráfico 5, todas as freguesias onde ocorre um número superior de contactos. As freguesias com um número de contactos superiores a 100 são ‘S. Engrácia’ (181), ‘S. José’ (173), ‘S. Jorge de Arroios’ (153), ‘Stª Justa’ (144), ‘Mercês’

(130) e freguesia do ‘Lumiar’ (122). Destacam-se depois as quatro freguesias onde os contactos são superiores a 200. A freguesia onde se realizou o maior número de contactos foi ‘Anjos’ com um total de 286, seguida do ‘Socorro’ (241), ‘S. Paulo’ (214) e ‘Madalena’ (209). Verifica-se que, à excepção do ‘Lumiar’, as freguesias com maior número de contactos se inserem na *zona velha e baixa* da cidade.

**Gráfico 5 – Número de contactos realizados por Freguesias**



Sendo conhecidas pessoas sem abrigo a pernoitar um pouco por toda a cidade, a verdade é que existem zonas onde a sua concentração é maior e outras onde a sua presença passa despercebida.

Não sendo possível, no âmbito deste relatório, analisar os processos através dos quais ocorrem estas irregularidades na cidade, conhece-se historicamente a presença mais visível na zona velha, ou baixa da cidade, de vadios e mendigos como referem alguns autores desde o séc. passado (Susana Pereira Bastos, 1997), e autores mais recentes que apontam igualmente para uma maior concentração das pessoas sem abrigo nas zonas mais centrais (Bento e Barreto, 2002, pág. 31). Parte da justificação poderá alicerçar-se na maior concentração de serviços, desde os mais universais aos especificamente orientados para este grupo, na zona central da cidade e que pode constituir-se como um factor importante.

A partir do segundo semestre de 2007 foi possível registar informação relativamente ao local de realização de **1231**, dos 3023 contactos registados, sendo que 27,0% (332) dos registos se referem a ‘outros locais’ para além daqueles definidos pelas equipas.

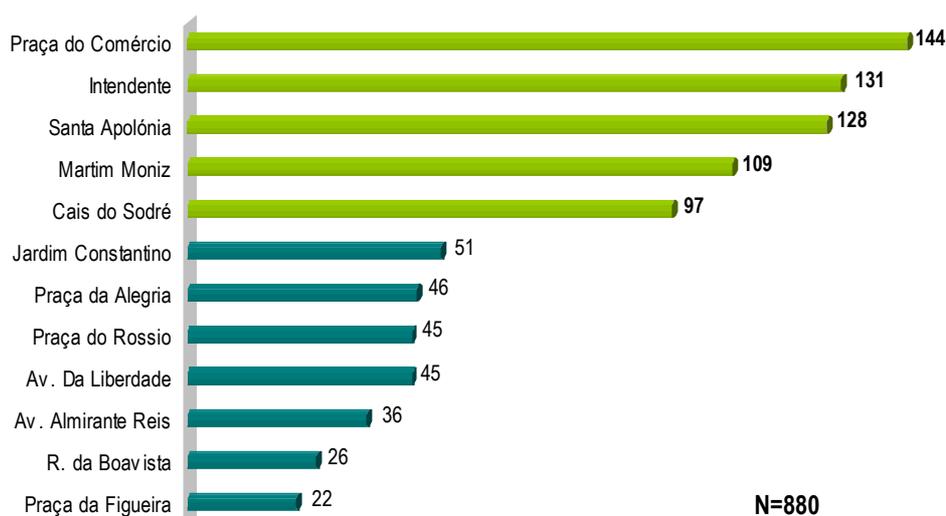
O facto de terem sido registados 332 contactos em ‘outros locais’, por um lado, e a confirmação de locais que registam muito poucos contactos (Quadro 3), por outro, revela a necessidade de se reequacionar a pertinência dos locais definidos pelas equipas.

### Quadro 3 – Locais com poucos contactos registados

Locais com poucos contactos (até 1,0% inclusive dos contactos realizados)		
C.C. Colombo (1)	Docas (1)	Hospital de Santa Maria (1)
R. Artilharia I (2)	R. Portas de Santo Antão (3)	Av. Guerra Junqueiro (4)
Igreja de Arroios (7)		

No Gráfico 6 estão representados os locais onde foi registado um número de contactos superior, realçando-se o ‘Martim Moniz’ (109), ‘Santa Apolónia’ (128), ‘Intendente’ (131) e a ‘Praça do Comércio’ (144), o local com maior número de contactos. O ‘Cais do Sodré’ é também outro local com um número de contactos significativo (97).

### Gráfico 6 – Número de contactos realizados por Local no 2º semestre



Fazendo um cruzamento dos dados disponíveis por freguesia e por local de contacto, apesar de representarem um período diferente de recolha de informação, pode-se constatar a relação directa que existe entre estes dois registos.

A 'Praça do Comércio', que se insere nas freguesias da 'Madalena' e 'São Nicolau' é o local com maior número de contactos registados (144). Tem sido, desde sempre, um local que suscita particular atenção, não só pelo número de sem abrigo que aí pernoitam e permanecem, mas pelo impacto que aí se faz sentir por se tratar de uma zona histórica onde estão sedeados inúmeros organismos públicos. Esta zona tem sido alvo de intervenções específicas e continuadas no sentido de reduzir o número de sem abrigo ali a pernoitar. Verifica-se que, relativamente aos dados do 1º semestre em que as freguesias da 'Madalena' apresentam 6,3% e 'São Nicolau' 2,4%, a proporção de contactos anuais registados aumentou para valores de 7,4% e 3,3%, respectivamente. No entanto, é de referir que o facto de se registar um maior número de contactos nestas duas freguesias não significa, obrigatoriamente, um aumento real de pessoas sem abrigo a pernoitar e/ ou permanecer neste local.

O local 'Intendente' é o segundo com maior número de contactos registados (131). Os contactos registados neste local correspondem às freguesias de 'Anjos' e 'Socorro'. Este local integra o Largo do Intendente Pina Manique (freguesia dos Anjos) mas também ruas e avenidas a ele contíguas (freguesias dos 'Anjos' e 'Socorro'). Esta é uma zona da cidade degradada mas em processo de qualificação residencial que tem vindo a ser alvo de intervenções integradas, onde se mantém um número elevado de pessoas sem-abrigo, toxicodependentes e uma incidência de prostituição, durante o dia e a noite.

O terceiro local da cidade identificado pelas equipas com maior número de contactos registados, 'Santa Apolónia' (128), pertence à freguesia de 'Santa Engrácia'. Apesar de se verificarem contactos dispersos na freguesia, é na 'Estação de Santa Apolónia' e ruas adjacentes que permanecem um grande número de sem abrigo, não sendo de descurar que este é um dos locais pré-definidos por algumas das equipas para apoio médico e psico-social, e integra também o percurso das equipas que distribuem alimentos.

No local 'Martim Moniz', próximo da zona do 'Intendente', foram também realizados um número significativo de contactos (109). Apesar de pertencer à freguesia de 'Santa

Justa', foram registados na freguesia do 'Socorro' de acordo com o definido pelo grupo de trabalho, inflacionando os contactos desta freguesia.

Os contactos registados na freguesia de 'Santa Justa' referem-se essencialmente à 'Praça do Rossio' (45) e à 'Praça da Figueira' (22).

O último local a que faremos aqui referência como um dos que regista maior número de contactos é o 'Cais do Sodré' (97), inserido na freguesia de 'S. Paulo'. Este local, à semelhança do que acontece com outros já referidos integra, para além da estação de comboios, toda a zona envolvente.

Dos 21 locais que foram identificados pelas equipas de rua foram aqui destacados os 5 que registaram maior número de contactos, apesar da presença de pessoas sem abrigo nos outros locais. Mesmo em menor número, este facto revela a já referida dispersão das pessoas sem abrigo por todo o território da cidade.

### **3.3. Caracterização Social**

Ao longo do ano de 2007 foram registados **3023** contactos pelas Equipas de Rua a **1187** pessoas sem abrigo da cidade de Lisboa.

O período de um ano é relativamente longo e, é importante notar que quinze pessoas sem abrigo identificadas e contactadas pelas equipas de rua ao longo deste período viram alterada a sua situação, relativamente àquela em que foram contactados inicialmente. Assim, e apenas relativamente às pessoas das quais existe informação disponível (15), verifica-se que cinco pessoas foram colocadas profissionalmente e uma emigrou para Espanha. Entre os imigrantes contactados, um foi extraditado e quatro regressaram ao seu país de origem através do Programa de Retorno Voluntário da Organização Internacional das Migrações – OIM. No universo das pessoas identificadas registaram-se seis óbitos.

Apesar destes factos, a caracterização social que se apresenta de seguida incidirá sobre todas as pessoas identificadas ao longo do ano.

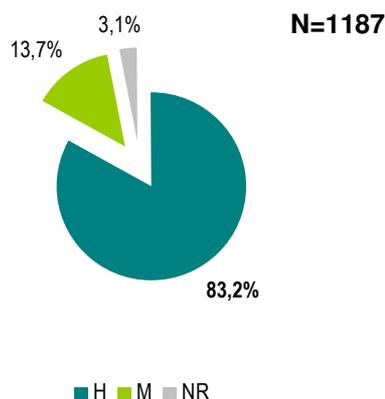
#### **3.3.1. Sexo**

Apesar de ter vindo a ser referido um aumento das mulheres sem abrigo em alguns países, a percentagem de mulheres é significativamente inferior à de homens, mantendo-se entre os 10 e os 25% (Bento e Barreto, 2002).

No *Estudo dos Sem-Abrigo* do Instituto da Segurança Social os números apontam para 10% de mulheres e 90% de homens sem abrigo a nível nacional. No *Estudo sobre a População de Rua da Cidade de Lisboa* desenvolvido pelo Núcleo de Intervenção em Dependências da CML em 2004 foram observados 432 indivíduos na rua sendo que 18% eram mulheres e 76% eram homens.

Relativamente às pessoas sem abrigo identificadas pelas equipas de rua ao longo de 2007 (1187) verifica-se que 13,7% são mulheres (163) e 83,2% de homens (987) com 37 não respostas.

**Gráfico 8 – Distribuição por Sexo (%)**



### 3.3.2. Idade

As pessoas contactadas, relativamente às quais a informação sobre idade está disponível (1033), encontram-se entre os 2 e os 89 anos, sendo a média de idades de **43** anos. A moda é **38** anos, sendo 38 os indivíduos com esta idade.

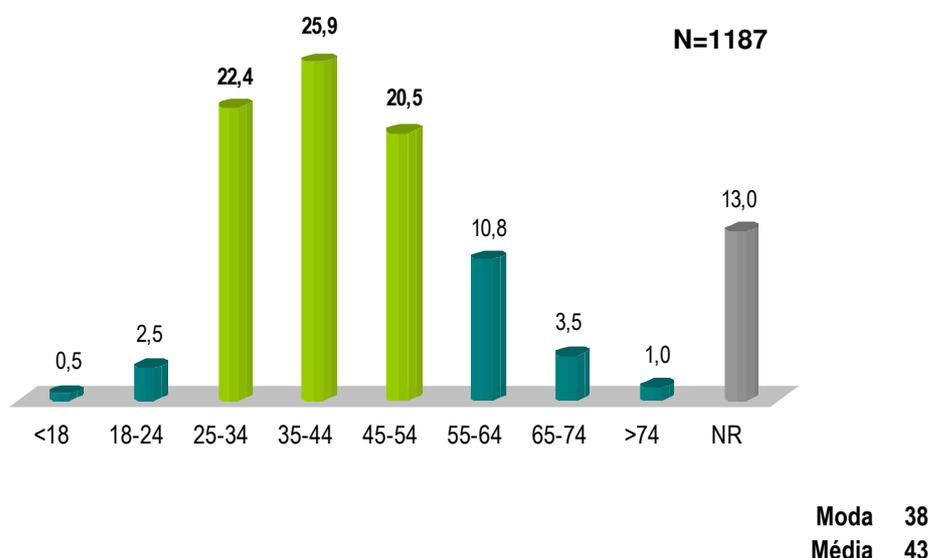
O facto de se encontrarem alguns menores em situação de sem abrigo (6) poderá constituir um facto preocupante, considerando que até agora não têm sido referenciadas situações com esta característica.

A maior concentração de pessoas sem abrigo (Gráfico 8) situa-se na faixa etária entre os 35 e os 44 anos (25,9%). No entanto, a faixa etária anterior (entre os 25 e os 34 anos) e a seguinte (entre os 45 e os 54 anos) revelam também uma proporção significativa de pessoas, de 22,4% e 20,5% respectivamente. São 68,8% as pessoas contactadas com idades compreendidas entre os 25 e os 54 anos, ou seja, em idade activa. São ainda 10,8% as pessoas com idades compreendidas entre os 55 e os 68 anos.

Estes valores estão de acordo com os dados revelados pelo *Estudo sobre a População de Rua da Cidade de Lisboa* (2004) e o *Estudo dos Sem-Abrigo* (2005). É importante notar este aspecto pois ele confirma que as pessoas em situação de sem abrigo que não se enquadram num único perfil. Constata-se que são muitos os que se encontram em situação de precariedade perante o trabalho, frequentemente flutuantes, decorrentes de alterações no contexto socioeconómico que se têm vindo a verificar, nomeadamente ao nível do mercado de trabalho (precariedade ou inexistência de vínculos laborais). A este respeito têm vindo a ser desenvolvidas

reflexões que apontam para a situação de sem abrigo como resultado de um percurso profissional incerto, ou pouco seguro, característico das sociedades contemporâneas (Joe Doherty, 2001).

**Gráfico 8 – Distribuição por Faixa Etária (%)**



Outro aspecto significativo, ao falar da idade deste grupo, refere-se à proporção de pessoas idosas. São 4,5% (53) as pessoas com 65 anos ou mais, valor superior ao apresentado pelas pessoas com menos de 25 anos (4,5%, que corresponde, em termos absolutos a 36 pessoas).

Em síntese, apenas incidindo na análise da idade, será possível avançar que são inúmeros os factores que estão por trás das situações de exclusão social. Considera-se actual a referência de Manuel Pimenta, em 1992, que identifica, por um lado os factores estruturais como a conjuntura económica e o desemprego, por outro as lacunas nos mecanismos de protecção social que se traduz nas insuficiências das respostas sociais disponíveis para as pessoas que, em situações mais vulneráveis, são cada vez mais afectadas pela desprotecção familiar e pelo isolamento (Pimenta, 1992).

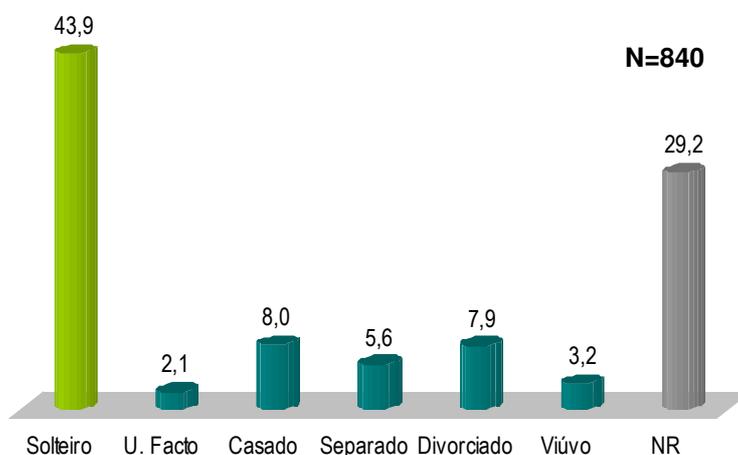
### **3.3.3. Estado Civil**

De acordo com os perfis avançados em *Sem-amor Sem-abrigo* (Bento e Barreto, 2002) e no *Estudo dos Sem-Abrigo*, também os resultados da análise da informação referente aos contactos das equipas de rua (Gráfico 9) apontam para um elevado

número de pessoas *Solteiras* (521) que representam 43,9% do total de pessoas contactadas para as quais esta informação está disponível. As 'divorciadas' (67) representam 8% e as 'separadas' 5,7% (44). A percentagem de 'casadas' é 8,0%. É baixa a representação de situações de pessoas 'viúvas' (3,2%) e de 'uniões de facto' (2,1%).

Perante estes dados poder-se-ia avançar ser elevada a proporção de pessoas sem abrigo sem suporte familiar directo e, assim, também mais vulneráveis às situações extremas de exclusão social, se atendermos à importância do papel de suporte que as famílias ainda assumem em situações de crise.

**Gráfico 9 – Distribuição por Estado Civil (%)**



### 3.3.4. Nacionalidade

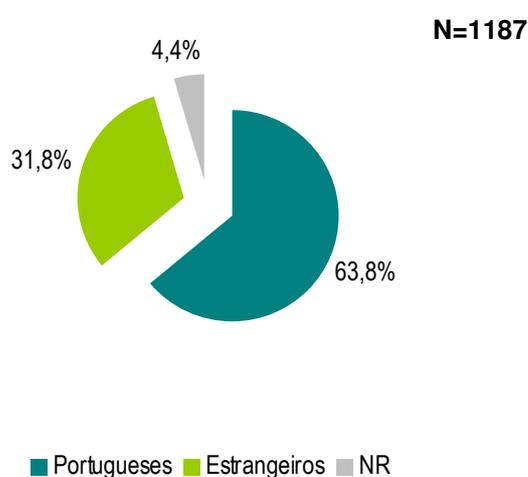
A nacionalidade da população sem abrigo é outro aspecto da sua caracterização que tem vindo a sofrer alterações ao longo dos últimos anos. Com a intensificação e diversificação dos fluxos migratórios, associados a uma conjuntura económica instável, as condições para o sucesso do projecto migratório são frequentemente goradas e é já significativo o número de indivíduos estrangeiros a pernoitar nas ruas de Lisboa.

Das **1135** pessoas, relativamente às quais a informação da nacionalidade é conhecida, 378 (31,8%) são estrangeiras originárias de mais de 40 países (Gráfico 10). Este valor já é ligeiramente superior ao avançado pelo *Estudo dos Sem-Abrigo de 2005* (25%) e pelo *Estudo sobre a População de Rua da Cidade de Lisboa de 2004* (24%).

Portugueses	757
Estrangeiros	378

É importante referir que no conjunto da população estrangeira o número de pessoas em situação de exclusão social extrema é residual. No entanto, este facto não deve servir para descuidar as situações individuais destas pessoas que, para além de estarem sem abrigo, estão num país estranho onde o acesso às estruturas de apoio social é dificultado por um conjunto de factores afectos a essa situação, nomeadamente a língua e a falta de informação.

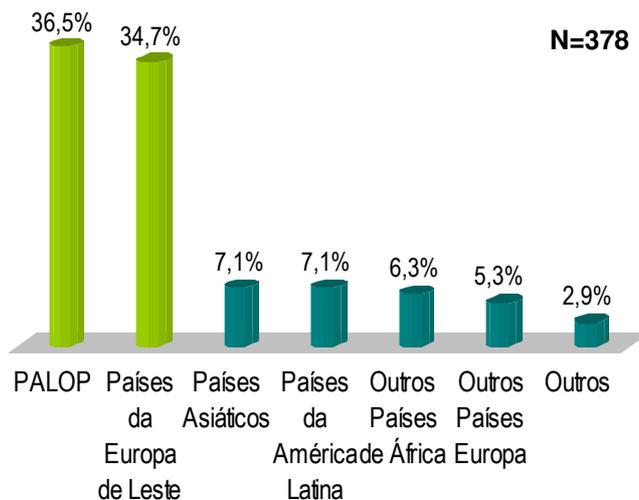
**Gráfico 10 – Distribuição dos Contactos entre Portugueses e Estrangeiros (%)**



Por questões relacionadas com a análise dos dados optou-se por agrupar algumas nacionalidades em Grupos de Nacionalidades com a distribuição apresentada no Gráfico 11. Estes grupos de nacionalidades correspondem a grupos de pessoas com um conjunto de características comuns no que se refere ao seu percurso migratório e que se reflectem na forma como vivem a exclusão social nomeadamente na articulação das solidariedades informais na comunidade dos países de origem.

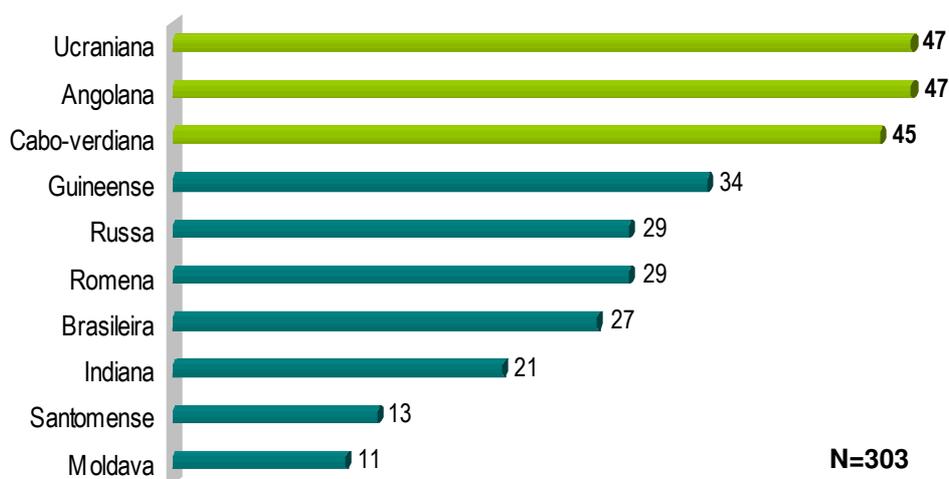
Os estrangeiros mais representados, entre os sem abrigo contactados pelas equipas de rua, são os originários dos *PALOP* (36,5%), cuja situação vulnerável à exclusão social é conhecida em Portugal, seguidos de perto das pessoas originárias dos *Países de Leste* (34,7%). Com menos representação, seguem-se as pessoas de *Países da América Latina* (7,1%) e as pessoas originárias de *Países Asiáticos* (7,1%) e as originárias de *Outros Países Africanos* (6,3%). Os estrangeiros originários de *Outros Países da Europa* representam 5,3% dos sem abrigo estrangeiros contactados.

**Gráfico 11 – Distribuição dos sem abrigo estrangeiros por Grupos de Nacionalidades (%)**



Relativamente ao conjunto das nacionalidades registadas (mais de 40), verifica-se uma distribuição muito irregular das pessoas sem abrigo estrangeiras contactadas. No Gráfico 12 são apresentadas as 10 nacionalidades com maior número de registos em termos absolutos. O número de ucranianos e de angolanos contactados é 47, seguindo-se os cabo-verdianos (46). Foram contactados 34 guineenses. O número de registos para pessoas de nacionalidade russa e romena é de 29 respectivamente. Os brasileiros constituem a totalidade das pessoas contactadas originárias de 'Países da América Latina'. Menos representada, mas com significado no número de pessoas originárias dos 'Países Asiáticos', surgem as pessoas de origem indiana (21). Foram ainda contactadas 13 pessoas de São Tomé e Príncipe e 11 da Moldávia.

**Gráfico 12 – Nacionalidades mais representadas**



### 3.4. Caracterização da Situação como Sem Abrigo

#### 3.4.1. Situação como Sem Abrigo

As categorias contempladas no âmbito da “Situação como Sem Abrigo” foram construídas com base na Tipologia Europeia da Exclusão Relacionada com o Alojamento – ETHOS.

No sentido de adaptar as categorias propostas à realidade da cidade de Lisboa a tipologia ETHOS foi discutida entre as equipas tendo-se chegado à seguinte categorização:

**Quadro 4 – Tipologia Adoptada da Situação como Sem Abrigo**

<b>SSA 1</b>	A Dormir na Rua
<b>SSA 2</b>	Centro de Acolhimento Temporário (tempo de permanência definido)
<b>SSA 3</b>	Centro de Acolhimento Temporário (permanência longa)
<b>SSA 4</b>	Alojamento Precário
<b>SSA 5</b>	Casas Abrigo p/ Mulheres Vítimas de Violência Doméstica
<b>SSA 6</b>	Alojamento para Mães/Pais Adolescentes
<b>SSA 7</b>	Alojamento Apoiado p/ Mulheres Vítimas de Violência Doméstica
<b>SSA 8</b>	Centros de Acolhimento p/ Imigrantes e Refugiados/Requerentes de Asilo
<b>SSA 9</b>	Alojamento Comunitário Apoiado p/ População Sem Abrigo
<b>SSA 10</b>	Alojamento Assistido Específico p/ População Sem Abrigo
<b>SSA 11</b>	Instituições Penais
<b>SSA 12</b>	A Viver Temporariamente com Família/Amigos (não por opção)
<b>SSA 13</b>	A Viver em Domicílio s/ arrendamento Legal
<b>SSA 14</b>	Com Ordem Legal de Despejo
<b>SSA 15</b>	Com Direito de Resolução (propriedade)
<b>SSA 16</b>	A Viver sob Ameaça de Violência por Parte de Companheiro/Família (incidentes registados na PSP)
<b>SSA 17</b>	Carros/Casa Móvel/Caravana
<b>SSA 18</b>	Ocupação Ilegal de Terrenos
<b>SSA 19</b>	Ocupação Ilegal de Prédios
<b>SSA 20</b>	Outros

Com base no conhecimento empírico sabe-se que a *situação como sem abrigo*, tal como entendida no contexto deste relatório, não é estática. Pelo contrário, ao longo do tempo ocorrem um conjunto de alternâncias de situações como sem abrigo que marcam o percurso destas pessoas. A análise dos dados que se fará neste capítulo refere-se à situações registadas no momento do contacto pois não é possível realizar

a análise das trajetórias das pessoas contactadas, tendo-se optado por analisar a situação como sem abrigo conhecida no momento do contacto.

Dos 3023 contactos registados existe informação disponível sobre a *situação como sem abrigo* no momento do contacto em 2515 contactos.

**Quadro 5 – Tipos de Situação como Sem Abrigo com maior representação**

Tipos de SSA	N	%
Rua	1431	56,9
Centro de Acolhimento Temporário (tempo de permanência definido)	87	3,5
Centro de Acolhimento Temporário (permanência longa)	180	7,2
Alojamento Precário	469	18,6
A Viver Temporariamente com Família/ Amigos (não por opção)	94	3,7
Ocupação Ilegal de Prédios	92	3,7

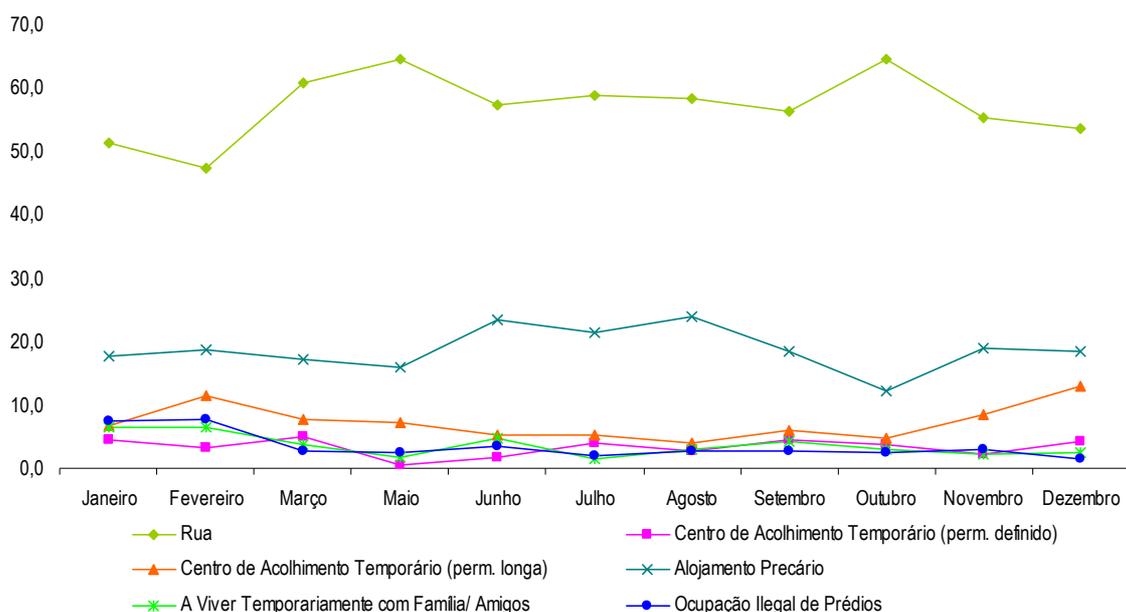
No Quadro 5 estão apresentadas os tipos de Situação como Sem Abrigo, no momento do contacto, com maior representação no conjunto dos contactos relativamente aos quais existe esta informação disponível. Os tipos representados neste quadro constituem a quase totalidade das situações como sem abrigo registadas (96,9%).

Através da sua leitura pode-se verificar que mais de metade das pessoas contactadas se encontrava a dormir na ‘Rua’ no momento em que se realizou o contacto (56,9%). São 18,6% as pessoas que no momento do contacto se encontravam em situação de ‘Alojamento Precário’, o que inclui a pernoita em quartos ou pensões pagos pela Santa Casa da Misericórdia.

As pessoas a pernoitar em ‘Centro de Acolhimento Temporário de permanência longa’ representam 7,2% da situação como sem-abrigo. A percentagem de pessoas em ‘Centro de Acolhimento Temporário com tempo de permanência definido’ é menor (3,5%).

São 3,7% as pessoas que no momento do contacto se encontravam a ‘Viver Temporariamente com Família ou Amigos’ (involuntariamente) e em situação de ‘Ocupação Ilegal de Prédios’ é de 3,7% respectivamente.

**Gráfico 13 – Evolução dos tipos de situação como sem abrigo com maior representação ao longo de 2007 (%)**



Ao analisar a *situação como sem abrigo*, procura-se conhecer a forma como esta evolui ao longo do ano, ou seja, verificar se existem alterações sazonais na *situação como sem abrigo*. Através da leitura do Gráfico 13 pode-se verificar que a distribuição pelas situações como sem abrigo mais representadas é relativamente estável ao longo do ano.

**Quadro 6 – Tipos de Situação como Sem Abrigo com menor representação**

Tipos de SSA	N	%
Alojamento Apoiado para Mulheres Vítimas de Violência Doméstica	1	0,0%
Centros de Acolhimento para Imigrantes e Refugiados/ Requerentes de Asilo	4	0,2%
Alojamento Comunitário Apoiado para População Sem-Abrigo	6	0,2%
Alojamento Assistido Específico para População Sem-Abrigo	11	0,4%
Instituições Penais	5	0,2%
A Viver em Domicílio Sem Arrendamento Legal	13	0,5%
Com Ordem Legal de Despejo	5	0,2%
Carros/ Casa Móvel/ Caravana	32	1,3%
Ocupação Ilegal de Terrenos	2	0,1%
Outros	83	3,3

Os tipos de *situação como sem abrigo* com menos representatividade referem-se a apenas 79 das situações registadas do total de 2515 (Quadro 6).

#### **4. Notas Finais**

Como já foi referido, com o presente relatório pretendia-se uma análise mais aprofundada relativamente aos *Relatórios Mensais de Monitorização*. É analisado, também, outro tipo de informação, nomeadamente as variáveis de caracterização social, e a abordagem feita pretendia-se reflexiva. No entanto, e na medida em que é o primeiro momento de reflexão sobre a informação disponibilizada pelas equipas de rua e estruturas de atendimento social, deixa alguns aspectos a descoberto.

Apesar disso, considera-se que a análise que daqui resultou permite algumas reflexões importantes e lança pistas para um próximo momento, nomeadamente relativamente ao cruzamento de variáveis que poderão clarificar algumas situações.

Assim, as principais reflexões que se podem retirar desta análise são:

##### **Caracterização Social**

- Os sem abrigo estão dispersos por toda a cidade de Lisboa, existindo zonas de maior concentração;
- As problemáticas associadas à situação são diversas e frequentemente sobrepõem-se, exigindo respostas adequadas;
- **79%** da população sem-abrigo contactada pelas equipas de rua ao longo de 2007 encontra-se em idade activa (entre os 25 e os 54 anos);
- Pelo menos 58,6% das pessoas desempregadas contactadas estão em idade activa (entre os 24 e os 54 anos);
- Foi identificada a problemática 'Alcoolismo' a pelo menos 53,9% dos estrangeiros contactados;

##### **Ao nível das respostas e da intervenção**

- Uma parte significativa das respostas sociais para a população sem abrigo é de carácter assistencialista e desajustada;
- Reconhece-se a necessidade de criação de respostas:
  - para as problemáticas da saúde mental, pessoas com necessidades especiais (doentes com mobilidade reduzida, dependentes, por exemplo, para os quais os hospitais e os centros não são uma resposta)
  - para pessoas idosas (para as quais um lar regular não é uma resposta viável);
  - e ainda respostas inovadoras e diversificadas dirigidas à população sem abrigo;

- Persiste a dificuldade na articulação entre as entidades (para além dos agentes no terreno) com responsabilidades em determinadas respostas (Delegados de Saúde, por exemplo);
- Apesar dos grandes avanços na partilha de informações e na articulação entre as diferentes equipas no terreno, ainda há um caminho a percorrer.

### **Sobre a monitorização**

- A representação, por vezes significativa de *Não Respostas* resultam, para o trabalho de análise que se pretende útil para todas as equipas, como um constrangimento a melhorar e um alerta para que se abordem dificuldades sentidas pelas equipas neste âmbito;
- Para que o processo de monitorização possa ser melhorado e que os seus resultados traduzam de forma mais fidedigna a intervenção realizada pelas equipas será necessário clarificar os indicadores “Problemáticas Associadas”; Encaminhamentos” e “Obstáculos”.
- Poder-se-á melhorar ainda a clarificação da categoria identificada como ‘Outros’ associada a alguns indicadores, e que surge em alguns casos com representação significativa conduzindo a uma dificuldade de análise pela sua indefinição intrínseca.

## **5. Recomendações**

### **Reflexões o nível da caracterização social das pessoas sem abrigo**

Considera-se pertinente que a análise desta caracterização possa, futuramente, ser entendida e comparada com indicadores mais abrangentes, a nível de estatísticas nacionais, não devendo ser analisada de uma forma isolada dos problemas da pobreza e da exclusão social.

### **Ao nível das respostas e da intervenção**

Se há situações em que o tipo de apoio prestado pelas equipas é de natureza diferente, ou seja complementar, haverá outras em que há uma sobreposição de esforços. Tornar-se-á, pois, necessário perceber se esta situação concorre para uma maior eficácia no resultado da intervenção, ou não.

### **Sobre a monitorização e trabalho do grupo**

Os Relatórios de Monitorização passam a ser trimestrais. Pensa-se que, desta forma, a informação será trabalhada com mais qualidade e o produto final do relatório poderá ser mais interessante para as equipas.

Considera-se que a periodicidade das reuniões deverá continuar a ser mensal para que os casos possam ser discutidos com a regularidade necessária e os recursos disponíveis apresentados.

Necessidade de clarificação de tipologia de SSA, nomeadamente entre Alojamento temporário permanência longa e permanência definida que deverá estar relacionada com os critérios de preenchimento da Ficha de Monitorização, podendo mesmo haver situações em que a mesma situação é indicada em ambos os tipos.

No mesmo sentido poderá ser necessário rever toda tipologia adoptada para a situação como sem abrigo na medida em que se verifica que alguns tipos não têm representação (eventualmente por não se aplicarem à realidade da cidade de Lisboa)

Verificação das limitações da análise da situação como sem abrigo num único momento, não sendo possível avaliar o trajecto/ percurso das pessoas nesta situação e os factores que o condicionam; seria importante compreender se a intervenção promove mudanças na situação como sem abrigo e em que sentido.

## Bibliografia

- Bastos, Susana Pereira, *O Estado Novo e os seus Vadios, Uma contribuição para o estudo das Identidades marginais e da sua repressão*, Lisboa, Dom Quixote, 1997;
- BAPTISTA, Isabel, 2005, “O fenómeno dos sem abrigo em Portugal” in *Revista Semestral Rediteia*, nº 36, Porto, Rede Europeia Anti Pobreza/ Portugal: 25-26;
- Branco, Francisco, 2004, “Políticas Sociais e Direitos Humanos” in *Sem Abrigo e Imigração- Olhares sobre a realidade*, Lisboa, Cais Padrões Culturais Editora: 46;
- Bento, António e Barreto, Elias, *Sem-Amor Sem-Abrigo*, Climepsi Editores, Lisboa 2002;
- *Estudo dos Sem Abrigo*, Instituto da Segurança Social, Dezembro de 2005;
- *Estudo Sobre a População de Rua da Cidade de Lisboa*, Núcleo de Intervenção em Dependências da Câmara Municipal de Lisboa, 2004;
- Pimenta, Manuel, 1992, *Os Sem abrigo da cidade de Lisboa*, Lisboa, Centro de Estudos para a Intervenção Social – CESIS, Cáritas, nº14;
- [www.feantsa.com](http://www.feantsa.com)